

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER
Curso de Bacharelado em Jornalismo

RAPHAELA DA SILVA DOS SANTOS

**VÍDEODOCUMENTÁRIO - A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA INSERÇÃO
NA TV PARA JORNALISTAS NEGROS (AS) EM CURITIBA**

CURITIBA
2024

RAPHAELA DA SILVA DOS SANTOS

**VÍDEODOCUMENTÁRIO - A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA DA INSERÇÃO
NA TV PARA JORNALISTAS NEGROS (AS) EM CURITIBA**

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como requisito
parcial para obtenção do grau de
bacharel em Jornalismo ao Centro
Universitário Internacional
UNINTER.

Orientador: Dra, Larissa Adryellen
Drabeski

CURITIBA

2024



Curso de Bacharelado em Jornalismo
Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos cinco dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Raphaela da Silva Santos, portador do Registro Uninter 2986354 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título Videodocumentário - a experiência histórica da inserção na tv para jornalistas negros (as) em Curitiba e orientação do/a professor/a Dra Larissa Drabeski, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dra. Juliana Barbosa

Examinador/a 2: Ms Josiany Fiedler Vieira

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 9,3

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovado.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a:



Documento assinado digitalmente
LARISSA ADRIYELLEN DRABESKI
Data: 09/12/2024 18:54:54-0300
Verifique em <https://validar.j5.gov.br>

Examinador/a 1:



Documento assinado digitalmente
JULIANA DOS SANTOS BARBOSA
Data: 10/12/2024 19:08:39-0300
Verifique em <https://validar.j5.gov.br>

Examinador/a 2:



Documento assinado digitalmente
JOSIANY FIEDLER VIEIRA
Data: 11/12/2024 18:38:29-0300
Verifique em <https://validar.j5.gov.br>

Estudante:

Raphaela da Silva dos Santos

RESUMO

O trabalho acadêmico tem a finalidade em apresentar um videodocumentário, voltado à experiência histórica de jornalistas negros (as) em Curitiba. O videodocumentário retrata a luta de pessoas negras para conquistarem seu espaço no jornalismo paranaense. As pessoas entrevistadas são aqueles que já atuam na área bem como futuros profissionais da área, bem como aqueles que já atuam no jornalismo local e que podem contribuir com o trabalho. Destaca-se aqui: Camila Andrade, Douglas Bandeira, Franklin de Freitas, Herivelto Oliveira no meio televisivo e a jornalista Letícia Costa, que representa as mulheres negras através das redes sociais, a repórter Aline Reis e a jornalista Claudia Kanoni. Houve a participação de duas pessoas negras com suas respectivas profissões, sendo a trancista Tais Soares e a enfermeira aposentada Damaris Candido, sendo crucial as entrevistas para o documentário com outras experiências sociais além dos jornalistas. Foi elaborado a reportagem com a narração de jornalistas negros que se dispuserem a colaborar com a produção do videodocumentário, e que possam contribuir com o diagnóstico levantado acerca da experiência histórica dos profissionais negros que ingressaram no jornalismo paranaense. O trabalho buscou evidenciar que pessoas negras foram historicamente cerceadas nesta área, revelando-se, portanto, um espaço desigual e desafiador devido à cultura do racismo estrutural, que continua latente nesses espaços de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Racismo Estrutural; Videodocumentário, Jornalismo paranaense, jornalistas negros.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO JORNALISMO.....	11
3 VÍDEODOCUMENTÁRIO.....	22
4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33
APÊNDICE.....	37
ANEXOS,.....	38

1. INTRODUÇÃO

O videodocumentário é um formato de produção audiovisual que combina elementos do documentário tradicional com a flexibilidade e a riqueza do meio digital com a combinação dos materiais para que o diretor então decida e construa a filmagem. Ele é uma ferramenta poderosa para explorar e comunicar realidades, histórias e questões complexas de forma visual e auditiva (PUCCINI, 2022). É utilizando-se desta ferramenta tão eficaz, que se trabalha a historicidade da população negra e sua atuação histórica no jornalismo brasileiro, com vista a reflexão sobre as lutas e a cultura do racismo estrutural.

Este trabalho apresenta o processo de produção do documentário “Jornalismo negro em Curitiba”.¹ O racismo estrutural é um elemento prático visto de forma institucional, política ou econômica pela sociedade, e que provoca a discriminação racial, causando o favoritismo entre determinadas raças ou etnias. Almeida (2019) nos ensina que o racismo se relaciona com a consequência institucional e de acordo com a prática social dos indivíduos na sociedade. Isso revela uma amarga experiência no campo profissional, afetivo e social, principalmente para as mulheres negras, que além do cerceamento de gênero, ainda precisam lutar contra o preconceito da cor. Almeida (2019) trabalha na visão da sociedade para com pessoas negras, em especial aqui neste estudo, o campo televisivo, onde as mulheres são vistas em novelas como papel de entretenimento, o que ocasiona prejuízos na sua colocação na sociedade, rotulando-as e caracterizando-as de forma errônea. Ou seja, além da historicidade revelar opressão, violência e dor, ainda sofre pelo preconceito de gênero.

De acordo com Almeida (2019) os brancos são vistos e projetados nos cargos superiores, bons salários, boas carreiras, bons carros e vestimentas da moda. São como líderes no campo televisivo por conta de suas atuações. Assim, portanto, vai sendo trabalhada a ideologia e prática do racismo estrutural no Brasil.

¹ https://drive.google.com/file/d/10OYBAVyKF7BbOhY_fu08qHiRLIUfRZf3/view?usp=drivesdk

Vale também refletir sobre a grande disparidade de acesso a bens e direitos fundamentais da população negra e também incentivar outras pessoas e movimentos a trabalharem sobre o tema da historicidade negra. Conforme os dados de fontes institucionais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que apresentou, por exemplo, a forma em como a mão de obra brasileira está distribuída no Brasil. Segundo o levantamento, no ano de 2021 a desocupação nos cargos para os brancos estava em 11,3%, sendo 16,2% para os pardos e para os pretos em 16,5%, com a alteração no próximo ano de 11,1%, 17,4% e 15,5%.

Esses números apresentados na pesquisa pelo IBGE refletem a discrepância, a disparidade na sociedade brasileira no que significa o acesso ao trabalho e o favoritismo social para com pessoas brancas, mostrando que apesar dos avanços sociais, ocorre a presença diminutiva de pessoas negras ou pardas em cargos importantes. Silva (2023) ainda nos afirma a respeito dos desafios no mercado de trabalho para pessoas negras no Brasil:

A carreira de um profissional negro é cheia de incertezas e desafios, no Brasil serão raros os casos de executivos negros, por motivos fáceis de compreender. O negro se encontrara nas camadas mais pobres da sociedade em abundância, com pouco acesso a estudo e coisas básicas se tornando totalmente inviável buscar qualificação e aperfeiçoamento profissional, coisa que nos dias de hoje se torna indispensável para ocupar cargos e prosperar dentro da organização (SILVA, 2023 pg 0 9).

Nesse contexto, a autora Hamermuller (2018) destaca em sua pesquisa que ocorre a presença âncoras negros no cenário nacional televisivo, porém de forma reduzida, devido a construção social negativa que é formada por um sistema discriminatório.

Vale destacar também a pesquisa feita pelo jornalista e vereador Oliveira (2023) que com o seu mestrado, onde pela análise foi observado no período de 8 meses cerca de 8.000 entrevistados sendo em torno de 1.000 jornalistas negros. Segundo o jornalista a amostragem da pesquisa foi de 14% de negros entrevistados do jornal Nacional no período de 8 meses em 2 anos. O autor ainda destacou pela análise feita sobre outro ângulo quando se refere a forma da representatividade negra não favorável, como a de pessoas pobres em reportagens de economia, o que

reforça a influência da visão discriminatória do campo midiático com a sociedade.

O campo do ambiente jornalístico, como em redações brasileiras, também tem suas cicatrizes de segregação e preconceito. O Perfil Racial da Imprensa brasileira (2021), publicou uma pesquisa que reflete as marcas de discriminação em cerca de 85% das jornalistas negras que alegam sentir discriminação no espaço de trabalho. O estudo ainda especifica que 98% delas têm dificuldade para obter o crescimento profissional quando comparado com brancos. Na entrevista foi indicado também que ao longo da experiência profissional, cerca de 98% dos entrevistados sentiram dificuldade para prosperarem na carreira jornalística em relação aos brancos. A pesquisa ainda revela que 57% dos entrevistados sofreram algum tipo de manifestação racista no espaço de trabalho, o que demonstra a amarga e desafiadora experiência profissional de pessoas negras.

Diante desse cenário, o trabalho tem como objetivo geral desenvolver um videodocumentário sobre a experiência histórica da inserção de pessoas negras no jornalismo televisivo de Curitiba. Os objetivos específicos do trabalho são: realizar uma pesquisa que resgate os aspectos históricos do jornalismo, discuta o racismo estrutural e apresente os casos e relatos das pessoas negras e suas relações no trabalho, permitindo assim conhecer a história das pessoas negras no jornalismo paranaense, e produzir uma pesquisa sobre a inserção histórica de jornalistas negros. Neste sentido, a finalidade do trabalho acadêmico está na elaboração de um vídeo documentário sobre a experiência histórica de jornalistas negros (as) em Curitiba no meio televisivo e mídias digitais em geral. É uma oportunidade de enriquecer a pesquisa com vários eixos da comunicação local.

O trabalho também utiliza como referência o documentário apresentado pelo projeto Olho Vivo Preto no Branco - Negro em Curitiba (2018), onde se destaca o racismo social presente na população e que nos conduz a um olhar crítico sobre o preconceito contra as pessoas negras.

Outra referência utilizada neste trabalho é o programa Papo Castiço, uma produção da Central de Notícias Uninter (CNU), que apresenta a entrevista feita pela Rádio Uninter, onde o co-fundador e jornalista Rogério Galindo do jornal Plural, destaca o papel do campo midiático e sua importância positiva para que pessoas negras se sintam valorizadas e representadas na sociedade (JUCOSKI, 2023). A entrevista enfatiza também os desafios que pessoas negras enfrentam ao longo da vida, desde as barreiras enfrentadas desde a escolaridade até a sua carreira profissional. A televisão por sua vez se relaciona pela forma social que as pessoas negras são vistas e que veem o seu papel em segundo plano, ou seja, representado de forma errônea ou pouco representado socialmente.

O bate papo apresentado pela Rádio Uninter ainda contou com a presença da jornalista Aline Reis sendo a coautora do Livro Paraná Preto, que ressalta sobre a importância da ocupação de pessoas negras em cargos altos no gerenciamento, o que contribui não somente dentro do jornalismo mas em grande escala para os espaços em geral (JUCOSKI, 2023).

Destaca-se ainda nesta introdução que o videodocumentário pode desempenhar um papel crucial no debate sobre a diversidade na mídia, contribuindo de várias maneiras para a representação, a conscientização e a inclusão de diferentes grupos e perspectivas, aqui em especial as pessoas negras. Algumas das principais formas sobre como o videodocumentário pode impactar o debate se dá por meio da representação autêntica, que possibilita a diversidade de Vozes e permite que pessoas de diferentes origens, identidades e experiências compartilhem suas histórias e perspectivas de maneira direta e pessoal. Isso ajuda a garantir que as vozes de grupos frequentemente marginalizados sejam ouvidas e representadas de forma autêntica.

Por focar em histórias individuais e experiências pessoais, os videodocumentários também podem humanizar questões complexas e promover uma compreensão mais empática das realidades vividas por diferentes grupos na sociedade.

Este produto também promove a visibilidade e a inclusão de camadas que por vezes são esquecidas da mídia tradicional. Ele permite a

ampliação e alcance da visibilidade de determinado grupo. Neste sentido, os Videodocumentários podem aumentar a visibilidade de comunidades e questões que frequentemente não recebem atenção suficiente na mídia convencional. Isso pode levar a uma maior inclusão e representação em outros meios de comunicação e promover a criação de espaços de diálogo.

Ao trazer à tona questões importantes e fornecer uma plataforma para diferentes perspectivas, os videodocumentários podem fomentar o diálogo e a reflexão sobre a diversidade e a inclusão na mídia. Assim sendo, além destes citados, o videodocumentário é a oportunidade para o empoderamento de Comunidades e pode ser uma forma poderosa para comunidades marginalizadas se empoderar e tomarem controle sobre como suas histórias são contadas e apresentadas na sociedade.

O trabalho está organizado em capítulos para a melhor compreensão e construção na tematização como: a representatividade negra no jornalismo com pesquisas bibliográficas sobre o racismo estrutural; a relação do documentário com o jornalismo e as suas determinadas características e como se associam; e o detalhamento de como o videodocumentário foi construído. A produção do documentário foi feita com o planejamento de um roteiro, assim como a escolha dos jornalistas entrevistados que possuem relação com tema abordado e devido aos seus respectivos cargos com o tema do trabalho acadêmico.

2. REPRESENTATIVIDADE NEGRA NO JORNALISMO

A experiência histórica das pessoas negras no Brasil é marcada por lutas e conquistas. Ela é marcada por desafios para a sobrevivência e principalmente um cenário de resistência. Marquese (2006) revisitando a história geral, se pode constatar as atrocidades e sofrimentos que esses povos passaram por serem negros com a produção escravagista de açúcar, sendo um cenário que na época foi benéfico para atender os interesses econômicos e comerciais da coroa portuguesa.

Durante o período colonial e imperial, os negros eram usados como mão de obra nas plantações de açúcar, mineração e nas casas dos senhores de engenho. Pinsky (2010) ressalta sobre o cenário escravagista que os negros enfrentavam, pois os ganhos diários os negros eram obrigados a passar aos seus senhores após os trabalhos diários:

Nas cidades, além de executarem tarefas domésticas, os escravos transportavam mercadorias e pessoas pelas ruas, atuavam no pequeno comércio ambulante e nas vendas, prostituíam-se ou pediam esmolas em favor de seus proprietários (Rugendas). (PINSKY, 2010, p.29).

A resistência era uma constante, manifestando-se em várias formas, desde a manutenção de práticas culturais até revoltas e fugas para formar quilombos – comunidades de pessoas negras livres ou fugitivas (MARQUESE, 2006).

A Guerra dos Palmares foi um dos episódios de resistência escrava mais notável na história da escravidão do Novo Mundo. Ainda que as estimativas das fontes coevas e dos historiadores sobre o número total de habitantes diverjam bastante — de um mínimo de 6 mil a um máximo de 30 mil pessoas —, não há como negar que as comunidades palmarinas, dada a extensão territorial e a quantidade de escravos fugitivos que acolheram, tornaram-se o maior quilombo na história da América portuguesa (MARQUESE 2006, p 07)

Essa dura realidade da colonização brasileira à custa de mão de obra escrava revela quão atrasada a sociedade estava e como é difícil o acesso das pessoas negras aos diversos espaços da sociedade. Pinheiro (2018) destaca em especial a história a influência da imprensa negra para os

negros como forma de resistência, principalmente na luta contra o sistema de escravidão da época. O que se entende então que a história dos negros no Brasil é uma narrativa de luta e resiliência, profundamente entrelaçada com a identidade e a cultura do país. O autor Pinheiro (2018) ainda nos diz a respeito da sua visão sobre o sistema social atual:

Tendo em vista que o processo de Abolição, em 1888, não acabou com o racismo, nem tão pouco com as desigualdades entre negros e brancos, desde os folhetins da Revolta dos Búzios até o momento atual, aparecem diversas publicações que se caracterizam, ou se identificam, como imprensa/mídia negra (PINHEIRO 2018 pg 02).

Historicamente, é analisada a trajetória desafiadora da inserção de negros, principalmente nas possibilidades para cargos de empregabilidade. Anteriormente com os aumentos dos jornais em São Paulo no início do século XX a maior ocupação de negros nos jornais e com o início das chamadas associações dos Homens de Cor, o que possibilitou um maior envolvimento com a política, além do cenário onde os negros pudessem principalmente exporem as denúncias de racismo que na época sofriam. (PIRES, 2006; PINHEIRO, 2018).

É neste sentido, portanto, que se reflete o quão tardiamente a sociedade abriu as oportunidades para as pessoas negras. É o racismo estrutural com seus tentáculos que aprisionam e atrapalham o acesso dessas pessoas aos diversos setores da sociedade. Ainda mais acentuadas essas dificuldades são para as mulheres negras no Brasil que são vistas pela sociedade como faxineiras, cozinheiras como também prostitutas. Sendo então vítimas pela discriminação de gênero e racial pelo cenário social que percorrem. (OLIVEIRA, 2023).

Particularmente, as mulheres negras ficaram restritas aos serviços domésticos das casas dos brancos e nos serviços pesados nas lavouras, causando o seu embrutecimento e a invisibilidade da sua dupla ou tripla jornada de trabalho. Angela Davis assevera ainda que a desigualdade capitalista estruturada sobre raça, classe e gênero confinou as mulheres negras na base da pirâmide, vide os baixos rendimentos mensais e na sub-representação nas principais esferas de poder (DAVIS, 2016, p.97-99 apud SANTOS E SILVA, 2022).

Já sendo tardiamente incluída na sociedade, ainda sofre nos governos de ditadura:

A década de 1960 é um período difícil para a imprensa negra. Os anos de Ditadura Militar e repressão influenciam nas publicações da imprensa negra, que sobrevive apenas através de pequenas publicações. O cenário continua na década de 1980 (PINHEIRO 2018 pg 3).

É neste sentido que os jornais negros e imprensa negra desde o seu surgimento em 1833 se inseriram contra a discriminação brasileira. Sendo crucial a compreensão da origem da imprensa não somente negra como a imprensa brasileira, pois nesse sentido é possível analisar que a colaboração dos efeitos causados pelo racismo na imprensa brasileira, vendo também a imprensa negra como integrante da imprensa brasileira para a sua existência. (ROSA, 2014).

E sobre o potencial da imprensa negra, é de grande contribuição trazer os dados de Tom Farias (2020)² trabalhados por Ritter (2021) a partir do portal literafro em que se pode perceber o protagonismo negro no jornalismo brasileiro. Ou seja, existem grandes nomes negros ao longo da história que tem participação fundamental na literatura e no jornalismo brasileiro. Abaixo contém os nomes dos jornalistas brasileiros que vieram se destacando ao longo da história do jornalismo negro no Brasil. A tribo jornalística de Tom Farias (2020) como os jornalistas: Abdias Nascimento (1914-2011); Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) sendo nomes importantes ao cenário jornalístico, pois são profissionais negros que contribuem para a representatividade negra para o campo midiático e principalmente como forma de influenciar a sociedade para uma visão de avanços sociais no jornalismo.

Conhecendo então sobre os jornalistas negros do jornalismo paranaense é neste sentido que:

² Tom Farias é carioca, escritor, jornalista, ensaísta, dramaturgo e roteirista. Dentre seus livros publicados destacam-se as afrobiografias Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil, finalista do prêmio Jabuti 2009, e Carolina: uma biografia, finalista do Jabuti 2019 e ganhadora do prêmio Flup do mesmo ano. Membro efetivo da Academia Carioca de Letras, é crítico literário do jornal O Globo e colunista da Folha de S.Paulo. Na comunidade de Manguinhos, no Rio de Janeiro, uma biblioteca comunitária foi batizada com seu nome em sua homenagem. Em São Paulo, também atua como embaixador do Instituto Adus em prol de refugiados africanos.

[...] é possível perceber que os textos de Tom Farias (2020) ilustram a forte atuação de escritores negros na imprensa ao longo dos anos, seja como repórteres, como redatores, editores, colunistas, colaboradores, produtores etc. A partir desse levantamento, por exemplo, pode se pensar em pesquisas que observem mais de perto cada um desses escritores, bem como pode incluir outros, afinal, todos foram protagonistas em seus tempos. “O protagonismo social representa o caminho humanizador do mundo e, portanto, promissor da construção ética de relações sociais capazes de assegurar o espaço crítico, de dialogia, criatividade e alteridade” (GOMES, 2017, p. 27-28 apud RITTER 2021 pg 132).

Ao ressaltar os importantes nomes dos jornalistas negros no cenário brasileiro, vale destacar também um dos grandes nomes da televisão paranaense como o repórter Narciso Assumpção, já falecido. Conforme o portal Memória Paranaense³ (2022) que enfatiza sobre o profissional que desempenhou os seus trabalhos na cidade de Curitiba, seguindo ao longo da carreira o seu próprio estilo o que possibilitou um grande destaque na televisão, conforme a reportagem⁴ que foi feita no ano de 1984 no Canal 4, para a TV Iguaçu, na época sob a direção de Jamur Júnior, com o auxílio de Sérgio Brandão.

Relembrando então um dos jornalistas negros no campo televisivo paranaense é importante também realçar o trabalho feito pelo jornalista e atual Vereador Herivelto Oliveira, que com a sua experiência profissional e originalidade desenvolveu um canal no Youtube chamado Brasil de Cor. Na entrevista feita pelo Papo Castiço pela Rádio Uninter (2023) o jornalista contou que o projeto criado foi com a finalidade de conversar com pessoas negras sobre as suas realidades e vivências na sociedade. O trabalho desenvolvido pelo jornalismo é crucial para este trabalho uma vez, que além de apresentar a carreira no jornalismo, mostra também a importância do profissional pelo seu diferencial com o projeto dentro do mercado de trabalho desafiador e possibilita que outras pessoas possam serem conduzidas a um olhar crítico da sociedade atual que se mostra discriminatória com pessoas negras.

³ O estilo particular de reportagem de Narciso Assumpção. Disponível em: <<https://memoriaparanaense.com.br/2022/02/17/1984-o-estilo-de-reportagem-de-narciso-assumpcao/>>. Acesso em: 17 out. 2024.

⁴ 1984 - As reportagens de Narciso Assumpção. , 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ETHb9VOjVu8>>

O cenário relacionado à discriminação e ao racismo estrutural que estão presentes na sociedade brasileira, constroem uma amarga experiência no campo profissional, afetivo e social dos negros, porque muitas vezes eles são cerceados de acesso a direitos fundamentais. Almeida (2019) nos ensina por exemplo, sobre o cenário discriminatório para pessoas negras, principalmente as mulheres negras, que além do cerceamento de gênero, ainda precisam lutar contra o preconceito da cor, desigualdade de gênero, da violência e outros problemas que facilmente sabemos por redes sociais, notícias, jornais e os meios disponíveis. A ideologia do racismo é constantemente alimentada pela sociedade brasileira que aplica as práticas de desvalorização das pessoas negras.

O racismo é uma ideologia, desde que se considere que toda ideologia só pode subsistir se estiver ancorada em práticas sociais concretas. Mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe todo um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora dos espaços de decisão, expostas a todo tipo de violência. (ALMEIDA, 2019, p. 43)

O autor ainda nos ensina que o racismo, quando visto de forma ideológica, padroniza e conduz as mulheres de forma inferior. Nesse sentido, as mesmas acessam cargos de menor grau e são cerceadas na sociedade, deixando-as desprotegidas e à mercê da violência em geral (ALMEIDA 2019).

Assim sendo, no que se refere ao meio jornalístico, historicamente os negros têm sido sub-representados na mídia, especialmente em cargos de liderança e em reportagens de destaque. Essa sub-representação perpetua estereótipos e limita a diversidade de perspectivas.

O Acesso e Oportunidades também são aspectos que pesam na história do povo negro. O acesso ao jornalismo frequentemente é dificultado por barreiras econômicas e educacionais. Isso inclui falta de acesso a formação acadêmica de qualidade e oportunidades de estágio, que são muitas vezes cruciais para o início de uma carreira na área.

Compreendendo os danos que o racismo estrutural traz, é que se apresenta aqui a desafiadora luta de pessoas negras para conquistarem

espaço social também a carreira profissional como no campo midiático, que ao longo dos tempos veio se formando pelo favoritismo masculino e branco.

Segundo o levantamento apresentado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), de acordo com o Censo 2022, voltado à autodeclaração populacional de pessoas pardas, houve um aumento em 45,3% comparado a porcentagem em 43,5% para pessoas brancas. Sendo possível observar um avanço positivo comparado ao ano de 2010, quando indicava um percentual negativo em 43,1% na autodeclaração de pessoas pardas e 47,7% para a população branca.

Entretanto, na mesma pesquisa foi destacado que em relação às demais regiões do país, na região Sul com o maior percentual de pessoas que se declaram como brancas, sendo em torno de 72,6%, o que resulta no cenário de desvantagem social para pessoas que se declaram negras ou pardas.

Ao apresentar então os dados indicados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que refletem a discriminação racial dentro do espaço de trabalho, é importante trazer também exemplos da realidade local dos jornalistas negros (as) em Curitiba, compartilham suas amargas experiências dos ataques racistas que sofreram ao longo de sua carreira, que servem para reafirmar o preconceito instalado nas mais diversas áreas da sociedade brasileira. De acordo com a publicação feita pelo jornal local, Bem Paraná (2024), no dia 28 de Abril em 2024, ocorreu um ataque racista no estádio Couto Pereira contra o fotojornalista Franklin de Freitas, enquanto ele trabalhava no Estádio Couto Pereira no jogo entre Coritiba e Brusque.

Ao analisar o espaço do jornalismo brasileiro, seja ele regional ou nacional, é evidente o cenário de favoritismo a pessoas brancas como demonstrado na pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e apresentada pelo Jornal da USP, o jornal destaca a ocupação populacional negra em cerca de 56%, porém, em termos de profissionais da área do jornalismo, a porcentagem se reduz em 20% que se declaram como negros ou pardos. Sendo assim, o reflexo dos problemas causados pelo racismo estrutural, que dificultam e geram grandes desafios para as pessoas

negras no cenário brasileiro, como as poucas ocupações no campo midiático (LUQUE, 2023).

O preconceito racial enfrentado por profissionais negros, seja no meio jornalístico, ou em outras profissões, nas escolas e ambientes que muitas vezes não são divulgadas todos os dias, revelam um cenário doloroso marcado por uma luta pela representatividade negra, e o que se nota são poucos avanços sociais e uma constante busca de justiça pela igualdade social. Em uma pesquisa feita no ano de 2023 pela SESP (Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social), e que foi apresentada pelo G1 e RPC em 2024, o Paraná registrou o aumento de 15% de ataques racistas.

Olhando para o dado da SESP (Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social), no ano de 2023 e para a história do racismo estrutural no Brasil, percebe-se portanto que ainda muito a de fazer no eu refere a direitos fundamentos e políticas públicas de valorização dos negros, principalmente no jornalismo, que se coloca como promotor da transparência e verdade. É necessário que o jornalismo brasileiro trabalhe para a desconstrução de costumes e valores que promovem o preconceito contra a comunidade negra, para que assim, o jornalismo brasileiro, seja de fato protagonista na valorização de todas as pessoas nas suas mais diversas formas de ser.

Na análise histórica da humanidade se constata as bravas lutas e os desafios conquistados, para que a população negra ganhasse e tivesse um espaço e voz na sociedade, principalmente no meio midiático brasileiro. O Jornal “O Mulato” ou o “Homem de Cor”, por exemplo, fundado em 1833, revela a tardia introdução desses profissionais no seio social.

O primeiro jornal da imprensa negra no Brasil, o pasquim O Homem de Cor, surgiu na capital do Império, a 14 de setembro, da Tipografia Fluminense de Paula Brito, loja instalada no Largo do Rocio, cuja presença negra era bem marcante. Importava questionar as efetivas condições de realização daquelas promessas de liberdade que havia tempos circulavam e ganhavam forma nas mentes de livres e libertos - sem falar dos escravizados. (PINTO, 2010, p.24)

Nesse contexto, portanto, é que se traz a problematização sobre a luta hodierna de jornalistas negros (as) para se inserem no mercado de trabalho. Seja nas redações brasileiras, na luta por manterem a sua

representatividade no meio televisivo e principalmente no jornalismo esportivo. É neste campo que esta pesquisa busca aprofundar-se e enaltecer a necessidade de uma discussão sobre os espaços ocupados pelos negros na organização atual da sociedade.

Apesar dos avanços, a luta por uma representação mais justa e igualitária continua. O jornalismo ainda enfrenta desafios em termos de acesso, igualdade de oportunidades e a superação de preconceitos estruturais. Prateado (2015) enfatiza sobre conquistas e lutas enfrentadas pelas pessoas negras no Jornalismo brasileiro, e fala da importância em apresentar referências do cenário midiático nacional, como as jornalistas Camila Andrade, Luciana Barreto, Gloria Maria, Joyce Ribeiro e Maria Júlia Coutinho. Trazer esses nomes como exemplos de luta e superação.

É nesse sentido que se trabalha para a promoção da Inclusão: há uma necessidade contínua de políticas e práticas que promovam a inclusão e a diversidade nas redações, além de uma maior conscientização sobre a importância de diferentes perspectivas no jornalismo.

Além dos mencionados acima, outros profissionais da comunicação paranaense merecem destaque pela representatividade negra brasileira, e chama-se a atenção para os profissionais curitibanos: Douglas Bandeira, Herivelto Oliveira, Letícia Costa. Essa última é fundadora do coletivo “mães pretas”,⁵ um projeto de apoio a mães negras em Curitiba. Isto reforça que o papel dos negros no jornalismo é crucial para uma representação justa e completa da sociedade. A diversidade de vozes enriquece a cobertura jornalística e contribui para uma compreensão mais abrangente dos problemas sociais e culturais.

Vale ressaltar também nesta pesquisa sobre a experiência profissional e desafiadora do fotojornalista Franklin de Freitas, atual presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná. Este profissional, no mês de abril de 2024 foi vítima de ataque de racismo quando estava na execução do seu trabalho. Conforme a

⁵ Coletivo Mães Pretas. Disponível em:

<https://www.instagram.com/maes_pretas?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzlxNw> Acesso em: 19 nov. 2024.

reportagem feita em 2024 pelo Sindijor⁶ (Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná) o caso de racismo foi o primeiro oficialmente registrado contra um jornalista paranaense, pois no cenário atual, o crime não prescreve, não ocorre a possibilidade de pagamento com fiança ao ato cometido, sendo, portanto, com a penalidade de reclusão de dois anos a cinco anos. A mudança ocorreu desde o momento em que a injúria racial foi relacionada ao crime de racismo no ano de 2023 quando a Lei Federal 14.532 entrou em vigor.

De acordo com a publicação feita pelo jornal O DIA (2021), outro caso de ataque racista foi ao jornalista Luiz Teixeira, da emissora Globo, relatou frequentes casos durante as transmissões dos jogos. O profissional ainda diz que ao longo da entrevista que em pouco tempo de trabalho na emissora, já havia presenciado alguns casos de discriminação racial. Isso nos remete a ideia da constante e amarga experiência dos jornalistas negros no Brasil.

Ao expor os casos discriminatórios que os profissionais do jornalismo sofreram recentemente ou já sofreram, é importante também ressaltar os avanços e premiações que receberam pelos trabalhos realizados, que são destaque e servem como impulsores na luta pela conquista de espaço no meio jornalístico.

De acordo com a publicação feita pelo portal da Agência Brasil (2024) ocorreu a premiação Jacira Silva, sendo ela, atualmente, diretora de Condições de Trabalho e Qualidade de Vida do Sindicato. A diretora iniciou os trabalhos na Comissão de Jornalistas pela Igualdade Racial (Cojira/DF) e foi também assumiu entre 1995 e 1998 a presidência do Jornalistas do Distrito Federal (Claude, 2024). A premiação reflete a importância da representatividade negra no espaço social e conduz ao olhar crítico para mais ocupações em redações brasileiras

Claude (2024) ainda destaca a premiação merecedora e lembrando amarga experiência dos ataques enfrentados por jornalistas no cenário

⁶ SindijorPR homenageia o jornalista Franklin de Freitas. Disponível em: <[Sindijor PR - Notícia - SindijorPR homenageia jornalista Franklin de Freitas por luta antirracista na atuação profissional](#)> Acesso em: 19 nov. 2024.

Curitibano causados pelo racismo estrutural presente na sociedade, é crucial entender sobre o papel de representatividade de jornalistas mulheres negras em campo midiático, uma vez que a aparição no campo televisivo pode influenciar de modo positivo na identidade negra na tv.

Dentro desta perspectiva de exemplo de superação e conquista, se traz aqui o exemplo da jornalista Letícia Costa, também convidada para a entrevista, que também destaca a sua premiação como Miss Curitiba em 2018. No bate papo Castiço, pela TV Uninter⁷, contou sobre o sentimento que teve pela responsabilidade e retorno positivos como vencedora, o que resultou como um modelo para outras mulheres negras, como forma de espelhamento e resistência ao movimento negro na sociedade.

Entendendo então sobre alguns jornalistas, que ao longo dos anos lutam para alcançarem o papel de representatividade, é correto afirmar que apesar dos avanços sociais, para as mulheres negras ainda existe a desigualdade de gênero. Isso se dá devido à estrutura patriarcal formada pela sociedade que beneficia o homem, principalmente em redações brasileiras.

Hamermuller (2018) destaca que a representatividade negra feminina se demonstra inferior para a população negra no Brasil, em comparação a jornalistas brancos, quando nota-se ou analisa-se o quadro de apresentadores e repórteres na mídia brasileira.

Quanto ao número total de jornalistas que apareceram em tela durante o mês de abril, observou-se 263 jornalistas não negros, para 12 jornalistas negros, que representam 4,4% dos repórteres e apresentadores da Rede Globo no período 65 analisado¹⁴. Vale ressaltar que nenhum telejornal possui, atualmente, um apresentador negro fixo, apenas plantonistas. (HAMERMÜLLER, 2018 p.66)

A autora Hamermuller (2018) ainda destaca na conclusão da pesquisa a exclusão das mulheres negras desses espaços, tendo em vista a pequena representatividade delas no meio televisivo. Para ela, a pouca ocupação nesses espaços propaga a ideia da não aceitação de jornalistas negros em telejornais.

⁷ Papo Castiço | Sou preta, sou Miss: A beleza afro paranaense. 2023.

Conforme os autores Valim; Rios; Lopes (2021) que nos afirmam sobre as inovações midiáticas que tendem a aumentarem diante dos processos de mudanças, nesse sentido entende-se que ocorre um poder midiático da televisão com a população brasileira, para a construção cultural de uma sociedade que nesse contexto, é movida pela influência televisiva.

Diante desse contexto, observamos que, apesar de estar em curso um processo de transformação no perfil dos consumidores de conteúdos da mídia, a TV ainda tem forte presença e influência no cenário brasileiro. Isso nos leva a crer que a televisão não "mor- rerá", tampouco o telejornalismo. Logo, continua sendo pertinente investir no aprimoramento profissional para a atuação em telejornais ou em meios audiovisuais. (VALIM; RIOS; LOPES, 2021 p.10)

Ao compreender que a sociedade precisa ser conduzida de forma correta, para que ocorra a igualdade social sem a distinção de gênero e principalmente racial. Portanto cabe ao jornalismo televisivo o dever de informar a população brasileira de forma rápida e precisa de acordo com as mudanças sociais, preservando os laços de credibilidade do público no cenário televisivo Valim; Rios; Lopes (2021).

Os autores ainda nos dizem sobre a importância da permanência do jornalismo eficaz com a credibilidade da notícia midiática com a sociedade:

Vale notar ainda que a capacidade de inovação tem sempre como base uma boa compreensão do cenário em que o jornalista se coloca. Em outras palavras: não há como atuar adequadamente ou mesmo propor novos formatos e linguagens para o telejornalismo sem um sólido conhecimento a respeito do que o estrutura. (VALIM, RIOS, LOPES, 2021 p.10)

Olhando para esses exemplos e para conquistas dos espaços nos meios midiáticos que se busca chamar a atenção para a produção de cultura de acolhimento e sem segregação, e que todas as pessoas sejam aceitas pelas suas capacidades e habilidades, e que assim todas as pessoas possam ter acesso justo ao trabalho, nas mais diversas áreas, aqui de modo especial ao jornalismo, que nesta pesquisa se expressa na construção de um videodocumentário, que é a abordagem do próximo capítulo, em que será possível dimensionar melhor a proposta do estudo.

3. VÍDEODOCUMENTÁRIO

Para os autores Kurtiz; Vargas (2020) a relação do trabalho do jornalismo e o documentário, se associam pelos trabalhos na construção pela verdade e para a realidade. Observa-se no videodocumentário um gênero subjetivo da realidade, onde as ideias estão sendo trabalhadas como influência, trazendo dados ao telespectador, para que ele mesmo tenha uma visão objetiva do tema que está sendo tratado em questão.

No documentário contemporâneo, esse tratamento criativo da realidade muitas vezes tem sido condição de produção, principalmente entre cineastas que vêm da área da ficção e adotam uma linguagem documental mais subjetiva em seus filmes, recriando situações para complementar a ideia que pretendem apresentar. (LUCENA, 2012, p.10)

Segundo o autor Corradini (2019) com o surgimento da televisão ocorreu então essa mistura, fazendo com que o documentário que se adaptasse para o novo formato para contar histórias com uma linguagem própria, conforme nos afirma:

O fato é que a relação do documentário com a televisão aproximou dois modelos de comunicação e ofereceu ao primeiro a possibilidade de transitar por vários gêneros, inclusive o jornalístico, algo não muito comum no mundo cinematográfico. (CORRADINI, 2019, p.156: 157).

Corradini (2019) ainda nos diz a respeito da produção do cinema que está relacionada ao estudo ou seja, o planejamento desde os elementos técnicos como o modo de gravação, luz para que se tenha uma boa produção, como também o conhecimento do seu público-alvo, a linguagem que será desenvolvida através de muito estudo para o melhor alcance do produto final.

É sempre preciso ter em mente que a linguagem é formada pelos planos, pelos movimentos que são feitos pela câmera, pelos enquadramentos, pelas composições, pela edição, pelas artes, pela trilha sonora, enfim, por todos os elementos que compõem o filme e que contarão uma história de uma determinada maneira. (CORRADINI, 2019, p.48)

O documentário então pode ser dividido com vários tipos como personagens, atores, ações e cidades. Há uma construção de cenário para que ocorra a melhor produção do conteúdo. Sbragia (2020) ressalta que o documentário no cenário atual passou não carência do factual principalmente a obrigatoriedade da versão oficial, o que se compreende que a incerteza se resulta no apoio do diretor para a construção subjetiva com o auxílio de imagens e palavras. Cabe então a participação das montagens, narrativas e roteiros, entre outros aspectos que se assumem para a adoção das narrativas para elaboração do documentário.

Assim como a preocupação com várias áreas, a linguagem dos personagens em questão também é considerada. Linz (2008) nos diz a respeito do documentário que se trata de um trabalho que nos direciona ao esforço para se ter uma postura de estratégia onde se pensa, ocorrem diálogos, para um pensamento do que será produzido do distanciamento do real ou passividade. Nesse contexto, vimos que a preparação do documentário se altera quando se percebe o modo no qual a verdade pode se distanciar na influência de ideias como o jornalismo trabalha no campo midiático e a forma de conduzir a sociedade para um olhar criterioso.

O jornalismo, por sua vez, possui um compromisso social com a população. O Compromisso para que a notícia seja exposta de forma imparcial, sem que ocorra influência na ideia central dos indivíduos. Junior (2014) nos reforça o conceito do trabalho jornalístico onde o profissional deve manter a honestidade para que cumpra a missão de informar a sociedade considerando em segundo plano a forma que os empregadores querem, mas sim executar a notícia de forma verdadeira.

A entidade Abraji (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo), (2018), apresentou a entrevista através da plataforma pelo Youtube com a cineasta, jornalista e produtora cultural Fabíola Aquino, que foi convidada pelo portal com o objetivo que indicar as características que definem e diferenciam o jornalismo e o documentário, especificando que no cenário do documentário é necessário o olhar crítico para expor a história que será abordada. A jornalista ainda enfatiza pela sua experiência com documentários que o videodocumentário recorre a conhecer o espaço, como se relacionam, ou seja: detalhamento sendo crucial para a melhor produção

final. O Videodocumentário possui todo um enredo que deve ser levado em consideração.

Neste sentido, nota-se que o jornalismo e documentário são áreas entrelaçadas que juntas trabalham no fomento da verdade e transparência dos fatos, cada um na sua estrutura e forma de dialogar com o público-alvo. Christofolletti (2008) no jornalismo a notícia diária tem a preocupação em informar a sociedade de forma objetiva, sendo uma prática de se baseia nos esforços para transmitir à sociedade relatos que ocorreram, buscando pela verdade. E no documentário há todo um enredo construtivo para levar ao público um conteúdo mais detalhado e até mais profundo.

4. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O trabalho teve como objetivo apresentar sobre a experiência histórica na inserção na televisão de Jornalistas negros (as) em Curitiba. A finalidade do trabalho foi em expor o contexto histórico dos jornalistas como os primeiros profissionais negros no campo jornalístico, os avanços sociais ao longo da sua trajetória da escolaridade até exercerem a profissão, e os desafios enfrentados pelos entrevistados, com a apresentação de pesquisas bibliográficas, livros, e documentos que compõem a apresentação do trabalho.

4.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Inicialmente no trabalho acadêmico, foram selecionados para as entrevistas os jornalistas negros paranaenses, em especial aos que habitam a capital e região metropolitana para que seja facilitado o acesso e encontros, sem demandar muito investimento financeiro.

Também foram selecionadas duas pessoas negras com profissões variadas para que contassem a sua trajetória estudantil até a sua inserção no mercado. No trabalho os perfis dos jornalistas negras foram escolhidos para que contassem o que presenciaram na sociedade, como os casos de racismo e os desafios que já enfrentaram no espaço de trabalhos, evidenciando assim as dificuldades na construção da sua identidade no Brasil, principalmente para mulheres negras. O que resulta na sub-representação desse grupo na mídia, principalmente em áreas que são calcadas em credibilidade e conhecimento, como é o caso do telejornalismo (SANTOS, 2018).

Cada jornalista negro (a) foi selecionado de acordo com a sua experiência profissional como a Camila Andrade que já trabalhou como repórter no cenário paranaense, atualmente está como editora-chefe do jornal estadual RIC Notícias Noite na RICtv, afiliada da TV Record no Paraná

e apresentadora. A escolha da jornalista foi pela sua carreira como repórter e sendo um modelo para outras profissionais negras na televisão.

O Douglas Bandeira nascido em São Paulo e que mora há 17 anos em Curitiba, também foi selecionado para a entrevista sendo um dos principais nomes importantes que representam o jornalismo na televisão no Paraná.

O fotojornalista Franklin de Freitas foi escolhido para entrevista devido a sua experiência profissional com o cenário jornalístico esportivo e por já ter relatos com casos de racismo na profissão, atualmente Franklin é presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos do Paraná (Arfoc-PR) e editor de Fotografia do jornal Bem Paraná.

O jornalista e atual vereador em Curitiba Herivelto Oliveira foi selecionado pela carreira profissional com o meio televisivo e tendo experiência também com projeto voltado à representatividade negra.

A jornalista Letícia Costa vencedora da premiação como Miss Curitiba e foi escolhida de forma crucial para o trabalho, pois mostra que a além da carreira profissional como jornalista também representa o movimento negro focado para mulheres negras brasileiras através das redes sociais como Instagram além do campo midiático em geral.

A repórter Aline Reis do jornal Plural, atual presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor), foi escolhida pela sua experiência profissional e pela eleição como a jornalista negra mais admirada do Sul do país. A presença da jornalista no trabalho foi importante para mostrar o sucesso na luta pela representatividade negra na comunicação paranaense.

A autora e jornalista Claudia Kanoni foi a selecionada para a construção do trabalho pela experiência como mestre em Educação, Governança pública e Planejamento. A profissional desenvolve o seu trabalho com o olhar empático para uma melhor construção de um sistema social a todos, o que possui importância para o trabalho pois busca como foco acadêmico a igualdade social e respeito.

No trabalho houve a participação da transgênera Tais Soares foi importante, pois é uma profissional negra, que trabalha com várias clientes também negras e que já sofreram racismo. A colaboração da entrevistada

com a conversa foi necessária, porque contou os casos de racismo e como enfrentou os obstáculos durante a vida. No decorrer da entrevista foi contado não somente a vivência social da transgênero no mercado de trabalho como de amigos próximos.

A enfermeira aposentada Damaris Cândido também participou do trabalho e contou sobre a discriminação que já enfrentou na profissão, sendo crucial para o trabalho, pois mostrou que apesar da experiência desafiadora que enfrentou quando trabalhava, ela se mostra um exemplo de superação mesmo com as lutas na profissão..

O critério para a escolha dos profissionais para a entrevista foi pensado em pessoas negras que têm a experiência profissional no campo jornalístico televisivo, o que beneficia na construção da representatividade negra na televisão. A ideia consiste em trazer o olhar crítico de ações coletivas que podem ser feitas, seja como entrevistas, projetos, que mostram as lutas e conquistas, e que sejam também motivacionais para outras pessoas negras na sociedade brasileira. Destaca-se ainda que se iniciará a entrevista com uma breve introdução do tema em estudo e, se possível, uma conversa informal para ajudar a criar um ambiente confortável e a construir uma boa relação com o entrevistado para que ele sintasse-se seguro e confortável para bem trabalhar o tema.

4.2 PRODUÇÃO

As perguntas nas entrevistas foram separadas de acordo com a experiência profissional do jornalista, uma vez que cada entrevistado possui um público desde o gênero com faixa etária diversificada que o acompanha. Inicialmente as perguntas foram com o foco em observar a evolução histórica desde a escolaridade de pessoas negras, até a carreira profissional atual e discutir como o racismo estrutural, presente na sociedade e na história, e como ele que interfere no trabalho do jornalista negro. Trabalhar com perguntas abertas (por exemplo, "Como você vê a situação atual?") e que procurem incentivar respostas mais elaboradas e detalhadas, e que sempre tem uma experiência concreta que ajuda a ilustrar a entrevista.

A escuta ativa foi bastante explorada do produto porque parte-se do princípio de que é essencial ouvir atentamente as respostas do entrevistado, e a escuta ativa permitiu que fosse perguntas de acompanhamento relevantes e explorasse outros pontos importantes que podem surgir durante a conversa.

Outro aspecto importante é que embora tenha uma lista de perguntas preparada, o jornalista deve estar disposto a adaptar suas perguntas com base nas respostas do entrevistado, o que contribuiu como também retirando perguntas de acordo com as respostas dos entrevistados. Assim houve uma boa dinâmica e fluência da conversa. Houve às vezes, novas questões surgem durante a conversa que podem revelar informações importantes e valiosas.

A captação das imagens foi feita com a utilização do tripé, com o uso do celular em horizontal, e o gravador de voz. No trabalho, algumas das entrevistas foram utilizadas nos espaços dos seus respectivos locais de trabalho, sendo os entrevistados: jornalista e vereador Herivelto Oliveira e o fotojornalista Franklin de Freitas. Houve a entrevista no espaço onde o entrevistado sugeriu com em uma cafeteria, sendo a entrevistada a jornalista Camila Andrade que estava familiarizada com o local, de acordo com as autorizações, tudo isso para que colocasse os espectadores na realidade narrada.

A entrevista com o jornalista Douglas Bandeira foi feita de forma online pelo notebook de acordo com a sua disponibilidade, com o apoio da plataforma do Google Meet, e para a gravação dos vídeos e tela na plataforma Screenpal. Para a entrevista presencial com a jornalista Claudia Kanoni houve o apoio do polo Garcez da Uninter, com a utilização de um dos espaços no laboratório cedido pela faculdade. Na entrevista presencial com a jornalista Aline Reis foi o laboratório na faculdade PUC, sendo o espaço no qual a profissional conseguiu a liberação após a sua palestra feita no mesmo dia.

Destaca-se também que as técnicas documentais foram essenciais para garantir que a pesquisa e a análise fossem conduzidas de forma rigorosa e profissional, o que proporcionou uma base sólida para conclusões e recomendações que se busca com este trabalho. Neste sentido, a

checagem de fontes foi feita com precisão e com base na credibilidade das informações contidas nos documentos consultados de forma criteriosa para que o público se conecte com as entrevistas. O confronto de Dados e a comparação de informações provenientes de diferentes fontes foi fundamental para identificar inconsistências e confirmar a veracidade dos dados.

4.3 PÓS-PRODUÇÃO

O uso da tecnologia foi um aliado neste trabalho. A utilização de software para armazenar, organizar e recuperar documentos digitais de forma eficiente colaboram muito com a produção do produto. O uso de ferramentas e software para realização das análises textuais avançadas, como mineração de texto e análise de sentimentos também são técnicas documentais que asseguram e garantem impacto na mensagem.

No que se refere à estética audiovisual, destaca-se que ela é essencial para a criação e a apreciação deste produto. Se tem a compreensão de que ela requer uma compreensão profunda das técnicas e práticas envolvidas para criar experiências que sejam tanto visualmente estimulantes quanto auditivamente atraentes. Portanto, este videodocumentário tem bastante atenção no que se refere aos elementos visuais, seja na composição e enquadramento, nas cores e iluminação, câmera e movimento e também no estilo visual.

Para bem dimensionar como o videodocumentário foi organizado, abaixo está o roteiro de trabalho do Produto:

1. Introdução

Título: Videodocumentário: A experiência histórica da inserção na tv para jornalistas negros (as) em Curitiba.

Introdução/Apresentação do Tema: Introdução à questão da sub-representação e das dificuldades enfrentadas por jornalistas negros no Paraná.

2. Histórias Pessoais

Entrevistas com Jornalistas Negros: Depoimentos de jornalistas negros de diferentes gerações, compartilhando suas experiências, desafios e conquistas por meio de videoconferência ou presencial. Os espaços de gravação presencial e videoconferência foram de acordo com a orientação do convidado, para que ele se sentisse à vontade para fazer a entrevista.

3. Racismo Estrutural no Jornalismo

Exemplos e Casos: Relatos de situações de racismo, discriminação e microagressões vividas no ambiente de trabalho.

Dados e Estatísticas: Apresentação de estudos e pesquisas que mostram a sub-representação de negros nas redações e as disparidades salariais.

4. Cobertura Jornalística e Representação.

Análise da Mídia: Exame de como a mídia cobre temas relacionados às comunidades negras e como estereótipos são perpetuados.

Perspectiva dos Jornalistas: Opiniões dos entrevistados sobre a importância de uma cobertura mais diversa e inclusiva.

5. O Caminho à Frente

Mudanças e Progresso: Discussão sobre as mudanças recentes nas redações e o impacto das discussões sobre diversidade. **Esperanças e Visões para o Futuro:** O que os jornalistas negros esperam para o futuro do jornalismo no Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciou-se o trabalho foi observado no contexto teórico os desafios enfrentados por pessoas negras para se inserirem no mercado de trabalho, como também a construção social para que jornalista negros mantivessem a sua representatividade na televisão mesmo com a discriminação na profissão. O que destaca o histórico da presença de jornalistas homens brancos no espaço de trabalho, sendo vistos pela sociedade na época como a representação para o jornalismo. Sendo então importante a abordagem do tema para a abordagem da experiência profissão do jornalismo negro, pois a experiência histórica na inserção de jornalistas negros no ambiente de trabalho é crucial para que sejam de fato reconhecidas pela sociedade, sem que ocorra a diferenciação, pois mesmo com os avanços sociais é notório o racismo estrutural na população brasileira.

Conforme a pesquisa do Perfil de Imprensa negra (2021) quando indicava aos brancos 61,8% em ocupações em cargos gerenciais, sendo a porcentagem maior do que para pessoas negras em cerca de 39,8%. Na pesquisa é possível constatar que de acordo com o levantamento existe no contexto social a distinção de gênero.

Nesse contexto, no trabalho a pesquisa teve como objetivo geral pesquisar, conhecer e apresentar um videodocumentário sobre a experiência histórica da inserção de pessoas negras no jornalismo televisivo de Curitiba. Efetivamente no trabalho foi apresentado o histórico do jornalismo televisivo paranaense e nacional, com o resgate histórico do cenário midiático e os seus respectivos avanços sociais, com a inserção dos jornalistas negros mesmo com a discriminação social sofrida por pessoas negras.

Nos objetivos específicos do trabalho foi na discussão sobre a visão social que causava o racismo estrutural que consequentemente gerava para pessoas negras oportunidades inferiores no mercado de trabalho e um cenário desafiador na sociedade, foi então possível através de autores identificar o padrão de favoritismo para pessoas brancas, sendo vistos como superior a pessoas negras. Outro fator de importância nos objetivos específicos através da pesquisa conhecer a história de pessoas negras e as suas relações com o trabalho no jornalismo paranaense, como os principais nomes do no campo

televisivo, sendo permitido constatar os períodos em que os jornalistas negros foram inseridos e os obstáculos discriminatórios na sociedade, ao longo da carreira profissional.

Nesse contexto, a hipótese foi confirmada por expor a experiência afetiva, social e profissional para pessoas negras no espaço jornalístico televisivo marcada por lutas e desafios. As conquistas na inserção de pessoas negras no jornalismo, está marcada pela discriminação presente na sociedade brasileira, que ainda não enterrou a cultura escravagista. O cerceamento principalmente para mulheres mostra a contínua luta contra o preconceito de cor.

Diante disso, com a metodologia proposta houve dificuldades em apresentar as ocupações em grandes cargos, devido às limitações em vagas devido ao racismo estrutural, sendo observado que mesmo com alguns jornalistas negros apresentados no jornalismo com premiações, ainda se mostra um cenário limitado para pessoas negras. Outro ponto em questão para a produção da entrevista para o videodocumentário foi em localizar jornalistas brancos que presenciaram casos de racismo sofridos por jornalistas negros, ou seja, os seus colegas de trabalho, em pesquisa foi analisado, poucos profissionais negros na área do jornalismo que denunciaram os casos de racismo sofridos no espaço de trabalho, o que comprova a pesquisa.

O trabalho teve como foco em apresentação do cenário social em que os jornalistas negros no Paraná enfrentam, a sua luta e conquistas, com a observação dos casos de racismo que sofrem quando se expõem para obterem a justiça e como na profissão trabalham contra o preconceito de cor. Sendo necessário mais artigos de pesquisa para abordar a representatividade negra e seus grandes avanços no campo jornalístico televisivo paranaense, assim como o trabalho em questão, como forma de atingir a sociedade para um olhar crítico para que ocorra então avanços na sociedade, respeito e igualdade a todos.

6. REFERÊNCIAS

Agencia Brasil. O “Mulato”, primeiro jornal da imprensa negra no Brasil, completa 190 anos. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2023/09/14/o-mulato-primeiro-jornal-da-imprensa-negra-no-brasil-completa-190-anos/> - Acessado em 04/09/2024.

Abraji [@Abraji_]. (2018, July 9). Jornalismo e documentário: dicas com Fabíola Aquino. Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L97Tc13gzSw>. Acesso em: 24 jul. 2024.

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. Brasil: Pólen Livros, 2019.

CORRADINI, André Luiz Delgado. Princípios do cinema e introdução ao videodocumentário. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2019. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 11 ago. 2024.

Dia, O. (2021, agosto 25). Jornalista da Globo diz sofrer racismo durante trabalho: 'É duro aceitar um repórter negro?' O Dia. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/esporte/2021/08/6220815-jornalista-da-globo-diz-sofrer-racismo-durante-trabalho-e-duro-aceitar-um-reporter-negro.html>. Acesso em: 24 jul. 2024

Fronteiras entre documentário e jornalismo. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/caderno/documentario/oficinas/etapa-1-fronteiras-entre-documentario-e-jornalismo/. Acesso em: 11 ago. 2024.

G1. Registro de crimes raciais aumenta 15% no Paraná, mas número de investigações é inferior ao de denúncias; veja números. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2024/02/19/registro-de-crimes-raciais-aumenta-15percent-no-parana-mas-numero-de-investigacoes-e-inferior-ao-de-denuncias-veja-numeros.ghtml>. Acesso em: 10 ago. 2024.

HAMERMÜLLER, Amanda Farias. A cor na televisão: Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra – Porto Alegre 2018

IBGE - Estudos e Pesquisas - Desigualdades Sociais por cor ou raça no Brasil - Informação Demográfica e Socioeconômica nº 41 – 2019.

Jornalista Franklin de Freitas, do 'Bem Paraná', recebe homenagem por luta antirracista na atuação profissional. (2024). Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticias/parana/jornalista-franklin-de-freitas-do-bem-parana-recebe-homenagem-por-luta-antirracista-na-atuacao-profissional/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

KURTIZ, A. S., VARGAS, H. (2020). Jornalismo e Documentário Diálogos Possíveis. Brasil: Editora Appris. Disponível em: <Jornalismo e Documentário Diálogos Possíveis - Google Books> . Acesso em: 14 ago. 2024.

LINS, C. Filmar o real: Sobre o documentário brasileiro contemporâneo. [s.l.] Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2008. Disponível em: <Filmar o real - Google Books>

Literatura Afro-Brasileira - o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/quem-somos> - Acessado em 04/09/2024.

LUQUE*, H. (2023, março 6). Minoria negra no jornalismo brasileiro expõe racismo como herança preservada. Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/minoria-negra-no-jornalismo-brasileiro-expoe-racismo-como-heranca-preservada/>> Acesso em: 25 jul. 2024.

MARQUESI, Rafael de Bivar. A DINÂMICA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL, Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/xB5SjkdK7zXRvRjKRXRfKPh/?format=pdf&lang=pt> – Acessado em 02/09/2024.

NAPOLITANO, M.; OLIVEIRA, A. A.; MORETTIN, E. História e documentário. [s.l.] Editora FGV, 2015.

Observatório da diversidade cultural. **Desafios da representatividade negra na mídia brasileira.** Disponível em: <https://observatoriodadiversidade.org.br/noticias/21-08-2023/> - Acessado em 04/09/2024.

OLIVEIRA, H. Brasil de Cor. , [s.d.]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@brasildecor>> Acesso em: 14 out. 2024.

OLIVEIRA, H. A. DE. Como a imprensa televisiva fecha espaços para negros no Brasil: a baixa representatividade racial no horário nobre da informação. Disponível em: <R - D - HERIVELTO ALVES DE OLIVEIRA.pdf> Acesso em: 14 out. 2024.

O estilo particular de reportagem de Narciso Assumpção. Disponível em: <<https://memoriaparanaense.com.br/2022/02/17/1984-o-estilo-de-reportagem-de-narciso-assumpcao/>>. Acesso em: 17 out. 2024.

Papo Castiço | Herivelto Oliveira: do jornalismo para a política. (2023, August 2). Disponível em: <<https://youtu.be/LRnqBlqn2o8?si=i8xGgz-BgfG2u8EV>> Acesso em: 24 jul. 2024.

PERFIL Racial da Imprensa Brasileira. 2021. Disponível em: Acesso em: <<https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>> Acesso em: 24 jul. 2024.

PESTANA, Maurício. A empresa antirracista: como CEOs e altas lideranças estão agindo para incluir negros e negras nas grandes corporações. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 2020. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 20/06/2024.

PINTO, A. F. M. Imprensa negra no Brasil do século XIX. [s.l.] Selo Negro Edições, 2010.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21. ed. São Paulo: Contexto, 2010. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 16 out. 2024.

PINHEIRO, Jonas. Mídia Negra: Uma Análise das Propostas Editoriais da Revista Afirmativa e da Agência de Jornalismo Alma Preta. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-1428-1.pdf> - Acessado em: 02/09/2024.

PUCCINI S. (2022). Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção. Brasil: Papyrus Editora.

PRATEANO, V. F. 8 jornalistas negras que você precisa conhecer. Disponível em: <<https://coletivonisiafloresta.wordpress.com/2015/11/20/8-jornalistas-negras-qu-e-voce-precisa-conhecer/>>. Acesso em: 16/06/2024.

PROJETOOLHOVIVO. Preto no Branco - Negros em Curitiba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OJB1dVcOPY>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

RABISCOADM2 RABISCOADM2. Desvendando as Origens do Racismo Estrutural: Impactos na Comunidade Negra. Disponível em: <<https://rabiscodahistoria.com/as-raizes-historicas-do-racismo-estrutural-no-brasil-e-as-consequencias-para-a-populacao-negra/>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SBRAGIA, P. Novas Fronteiras do Documentário: Entre a Factualidade e a Ficcionalidade. Brasil: 2020, Chiado Brasil. E-book. Disponível em: <[Novas Fronteiras do Documentário - Google Books](#)> Acesso em: 17 out. 2024.

SILVA, S. L. B; SANTOS, F. B. Gênero, raça e classe no Brasil: os efeitos do racismo estrutural e institucional na vida da população negra durante a pandemia da covid-19. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rdp/a/QBynWtkgc7jCcssMMFHvZwWm/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SILVA. Prêmio Jacira Silva reconhece o jornalismo negro no Brasil. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-07/premio-jacira-silva-reconhece-o-jornalismo-negro-no-brasil>>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SindijorPR homenageia jornalista Franklin de Freitas por luta antirracista na atua o profissional. Disponível em: <sindijorpr.org.br/noticias/2/noticias/8503 > Acesso em: 25 jul. 2024.

UNINTER, T. V. Papo Castiço | Estreia! Representatividade negra no jornalismo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-0bXXqcX7Cc>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

UNINTER, T. V. Papo Castiço | Herivelto Oliveira: do jornalismo para a política. ([s.d.]).Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LRnqBlqn2o8&t=1458s>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

UNINTER, T. V. Papo Castiço | Sou preta, sou Miss: A beleza afro paranaense. Disponível em: <Papo Castiço | Sou preta, sou Miss: A beleza afro paranaense (youtube.com)> Acesso em: 25 jul. 2024.

VALIM, Silvia; RIOS, Aline de Oliveira; LOPES, Dirk. **Produção de texto em TV**: da pauta à transmissão. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2021. *E-book*. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>> Acesso em: 30 jul. 2024.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO PARA O VIDEODOCUMENTÁRIO

- Nome completo:
- Profissão:
- Período de experiência na profissão:
- Como foi a experiência escolar? Sofreu algum caso de racismo?
- Quais são os desafios enfrentados no espaço de trabalho?
- Na profissão você acredita como jornalista recebeu algum incentivo para a resolução?
- Qual a sua visão sobre a representatividade negra no jornalismo? Você acredita que houve avanços sociais?
- Quais são as ações que acredita que outros profissionais negros podem fazer para se destacarem na carreira profissional?
- Como espelho para novos jornalistas negros e aos que já trabalham. qual dica você pode passar para que enfrentem os ataques de racismo sofridos?

ANEXOS

Tabela que contém os nomes dos jornalistas brasileiros. A tribo jornalística de Tom Farias (2020):

Nº	AUTOR	FUNÇÃO
1	Abdias Nascimento (1914-2011)	Jornalista
2	Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982)	Jornalista
3	Ana Maria Gonçalves (1970)	Colaboradora
4	Ana Paula Lisboa (1988-)	Colaboradora
5	Ana Paula Maia (1977)	Colaboradora
6	André Rebouças (1838-1898)	Jornalista
7	Antonieta de Barros (1901-1952)	Jornalista
8	Araújo Figueiredo (1865-1927)	Jornalista
9	Auta de Souza (1876-1901)	Colaboradora
10	Benardino Lopes (1859-1916)	Jornalista
11	Carlos Alberto Medeiros (1961-)	Jornalista
12	Carlos Moore (1942-) – cubano	Colaborador
13	Carlos Nobre (1950-2019)	Jornalista
14	Castro Alves (1847-1871)	Jornalista
15	Coelho Neto (1864-1934)	Colaborador
16	Cristiane Sobral (1974-)	Colaboradora
17	Délcio Teobaldo (1953-)	Jornalista
18	Djamila Ribeiro (1980-)	Colaboradora
19	Dom Obá (Cândido da Fonseca Galvão) (1845-1890)	Colaborador
20	Domício da Gama (1862-1925)	Jornalista
21	Edison Carneiro (1912-1972)	Jornalista
22	Eliana Alves Cruz (1966-)	Jornalista
23	Elisa Lucinda (1958-)	Jornalista
24	Esmeralda Ribeiro (1958-)	Jornalista
25	Francisco Sotero dos Reis (1800-1871)	Jornalista
26	Gonçalves Dias (1823-1864)	Jornalista
27	Humberto de Campos (1886-1934)	Jornalista
28	Januário Garcia (1943-) * (Fotógrafo)	Colaborador
29	Jarid Arraes (1991-)	Jornalista
30	João da Cruz e Souza (1861-1898)	Jornalista
31	João do Rio (Paulo Barreto) (1881-1921)	Jornalista
32	Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882)	Jornalista
33	Joel Rufino dos Santos (1941-2015)	Colaborador
34	José do Patrocínio (1853-1905)	Jornalista

35	José Nascimento Moraes (1882-1958)	Jornalista
36	Joyce Ribeiro (1979-)	Jornalista
37	Lima Barreto (1881-1922)	Jornalista
38	Luana Tolentino (1988)	Colaboradora
39	Luiz Silva Cuti (1951)	Colaborador
40	Luíz Gama (1830-1882)	Jornalista
41	Machado de Assis (1839-1908)	Jornalista
42	Mahommah Gardo Baquaqua (1824-Data desconhecida)	Colaborador
43	Maria Ângela de Jesus (1966-)	Jornalista
44	Mário de Andrade (1893-1945)	Colaborador
45	Milton Almeida dos Santos (1926-2001)	Jornalista
46	Muniz Sodré (1942-)	Jornalista
47	Olavo Bilac (1865-1918)	Jornalista
48	Oscar Rosas (1864-1925)	Jornalista
49	Oswaldo de Camargo (1936-)	Jornalista
50	Paula Brito (1809-1861)	Jornalista

51	Romeu Crusoé Jorge de Lima (1893-1953)	Jornalista
52	Ruth Guimarães (1920-2014)	Jornalista
53	Saturnino de Meireles (1878-1906)	Jornalista
54	Silvério Gomes Pimenta (1840-1922)	Jornalista
55	Solano Trindade (1908-1974)	Colaborador
56	Tom Farias (o autor) (1960)	Jornalista
57	Vicente de Carvalho (1966-1924)	Jornalista
59	Virgílio Várzea (1863-1941)	Jornalista